

NASCIDAS PARA REINAR, CRIADAS PARA ENGANAR



ESTRELAS EM SUAS VEIAS

LAURA SEBASTIAN

AUTORA DE CASTELOS EM SEUS OSSOS

Beatriz

Beatriz anda para lá e para cá em sua cela na Sororia cellariana, que fica aninhada nas montanhas de Alder. Só precisa dar dez passos para ir de uma parede a outra. Faz cinco dias que foi levada até ali, encerrada numa câmara exígua com apenas uma cama estreita, uma manta surrada e um jarro d'água sobre um pequeno banco de madeira. Cinco dias desde que ela ouviu a voz das irmãs em sua cabeça, tão clara como se as duas estivessem no cubículo ao lado. Cinco dias desde que ouviu Sophronia morrer.

Não. Não, ela não tem certeza disso. Há uma dezena de explicações para o que aconteceu, uma dezena de maneiras para Beatriz se convencer de que a irmã ainda está neste mundo, viva. Sempre que fecha os olhos, Beatriz vê Sophronia. No silêncio da cela, ouve a risada da irmã. Sempre que consegue dormir um pouco, seus pesadelos são assombrados pelas últimas palavras que ela pronunciou.

Estão aplaudindo a minha execução... Há muito mais em jogo do que imaginávamos. Ainda não entendo tudo, mas, por favor, tenham cuidado. Amo muito vocês duas. Eu as amo até as estrelas. E eu...

E isso fora tudo.

Beatriz não compreende a magia que possibilitou aquela comunicação – Daphne já havia feito isso uma vez para falar com ela. A magia também fora interrompida então, mas da segunda vez foi diferente, como se ela ainda pudesse sentir a presença de Daphne por mais alguns segundos, seu silêncio atordoado ecoando na mente de Beatriz.

Mas Sophronia não pode ter morrido. A ideia é inconcebível. Elas vieram ao mundo juntas: Beatriz, Daphne e depois Sophronia. Certamente nenhuma delas poderia partir sozinha.

Não importa quantas vezes diga isso a si mesma, Beatriz não acredita de

fato. Afinal, ela *sentiu*, como se um coração tivesse sido arrancado de seu peito. Como se algo vital tivesse sido perdido.

O ruído da fechadura ecoa na cela, e Beatriz se vira na direção da porta, esperando ver uma das irmãs trazendo sua próxima refeição, mas quem entra é uma mulher mais velha, de mãos vazias.

– Madre Ellaria – diz Beatriz, a voz áspera depois dos últimos dias em silêncio.

Madre Ellaria é a irmã que recepcionou Beatriz, conduzindo-a à cela e entregando-lhe uma muda de roupa idêntica à sua. Dessas roupas, Beatriz só colocou o vestido cinza de lã. O véu da cabeça permanece ao pé da cama.

Em Bessemia, era uma grande honra para as Irmãs receberem seus véus. Havia cerimônias para isso, e Beatriz já fora a várias. Era uma celebração para homenagear a escolha da mulher em se dedicar às estrelas.

Beatriz, porém, não escolheu nada, então o véu continua sem uso.

Madre Ellaria logo percebe isso: seus olhos se movem dos cabelos ruivos de Beatriz, trançados desordenadamente, para o véu sobre a cama. Ela franze a testa antes de olhar para a jovem mais uma vez.

– Você tem uma visita – diz, e a desaprovação permeia cada sílaba.

– Quem? – pergunta Beatriz, mas madre Ellaria não responde; simplesmente se vira e sai da cela, deixando Beatriz sem escolha a não ser segui-la pelo corredor escuro, a imaginação correndo solta.

Por um instante, Beatriz imagina que é Sophronia, que sua irmã viajou de Tamarin para lhe assegurar que está viva. Porém, é mais provável que seja sua ex-amiga Gisella, vindo se vangloriar outra vez, ou o irmão gêmeo de Gisella, Nicolo, para verificar se alguns dias na Sororia a fizeram mudar de ideia sobre sua proposta.

Nesse caso, ele sairá desapontado. Por mais que odeie a Sororia, Beatriz prefere continuar aqui a voltar para o palácio cellariano enquanto Pasquale passa o resto da vida na Fraternia, do outro lado do rio Azina.

Seu peito se aperta ao pensar em Pasquale – deserddado e aprisionado porque ela o convenceu a confiar nas pessoas erradas.

Eles não perdem por esperar, disse Pasquale depois que a sentença por traição foi proferida. *E logo vão se arrepender por não terem nos matado quando tiveram a chance.*

Ela deixa as palavras ecoarem em sua mente e segue madre Ellaria pelo corredor mal iluminado, repassando na mente uma lista de todas as

maneiras pelas quais poderia investir contra a frágil idosa e escapar... mas escapar para onde? As montanhas de Alder são um território traiçoeiro, mesmo para aqueles que estão preparados para escalá-las. Se Beatriz escapasse sozinha, com nada mais que um vestido e chinelos de algodão, não teria a menor chance de sobreviver à noite.

Sua mãe sempre as alertou para que fossem pacientes e, embora esse nunca tenha sido o forte de Beatriz, ela sabe que deve agir assim agora. Por isso, mantém as mãos ao lado do corpo e segue madre Ellaria, que dobra uma esquina no corredor, depois outra. Então, para diante de uma porta alta de madeira e dirige a Beatriz um olhar fulminante, como se tivesse captado o cheiro de algo podre. Embora saiba que a mulher não gosta dela, Beatriz não acredita que seja a causa desse olhar em particular.

– Em razão do... status do seu visitante, permiti o uso do meu gabinete para sua reunião, mas voltarei em dez minutos, nem um segundo a mais.

Beatriz assente, ainda mais certa de que é Gisella ou Nicolo quem está à sua espera – Nicolo, afinal, é o rei de Cellaria agora e, como Gisella é sua irmã, seu status também foi elevado, embora madre Ellaria provavelmente os desaprove tanto quanto desaprova Beatriz.

Ignorando esses pensamentos, ela se prepara e empurra a porta, abrindo-a e entrando. Imediatamente se detém, piscando, como se a figura à sua frente pudesse desaparecer.

No entanto, por mais que ela pisque, Nigellus continua ali. O empyrea de sua mãe está à vontade na cadeira de madre Ellaria e a observa por cima dos dedos unidos. A cela de Beatriz não tem janelas, e ela perdeu a noção das horas assim que chegou, mas agora pode ver que é noite, a lua cheia brilhando pela janela atrás de Nigellus, as estrelas cintilando com mais força e nitidez do que de costume.

É a primeira vez que ela as vê em cinco dias, a primeira vez que sente a luz delas dançando em sua pele. Beatriz sente-se tonta e cerra os punhos ao lado do corpo. *Magia*, pensa, embora ainda não consiga acreditar, apesar de já ter usado seu poder duas vezes, acidentalmente, para invocar as estrelas.

Nigellus nota os punhos cerrados, os nós dos dedos brancos, mas não diz nada. A porta se fecha, deixando-os a sós. Porém, por um momento, eles apenas se encaram, o silêncio se estendendo diante deles.

– Sophronia morreu, não foi? – pergunta Beatriz, quebrando o silêncio.

Nigellus não responde de imediato, mas, depois do que parece uma eternidade, confirma.

– A rainha Sophronia foi executada há cinco dias – diz ele, a voz firme e monótona. – Junto com a maior parte da nobreza temarinense. Sua mãe tinha exércitos esperando na fronteira e, em meio ao caos, eles tomaram a capital. Sem governante para se render, ela simplesmente tomou posse da cidade.

Beatriz afunda na cadeira diante da escrivadinha, a vida deixando-a por completo. Sophronia está morta. Ela deveria ter se preparado, deveria ter esperado por isso. A mãe não lhes dizia sempre que nunca fizessem uma pergunta cuja resposta não soubessem? Mas ouvir a confirmação de seu maior medo consome tudo que há nela. Agora, se sente apenas uma casca.

– Sophie está morta – ecoa ela, sem se importar com o resto. Sem se importar com a mãe ou seus exércitos ou a nova coroa que ela adicionou à sua coleção.

– É pura sorte que você e Daphne não estejam mortas também – comenta Nigellus, arrancando-a de seus pensamentos.

Ela ergue os olhos para ele, imaginando o que o homem faria caso se lançasse sobre a mesa e o esmurrasse. Mas, antes que possa fazer tal coisa, ele prossegue:

– Não se trata de coincidência, Beatriz. As rebeliões, as conspirações, os reis mortos... O caos.

– Claro que não – replica ela, erguendo o queixo. – Mamãe nos educou para criar o caos, para conspirar, para atizar o fogo da rebelião.

– Ela criou vocês para morrer – corrige Nigellus.

O ar deixa os pulmões de Beatriz, mas, um momento depois, ela concorda.

– Sim, creio que sim – diz ela, porque faz sentido. – E deve estar muitíssimo decepcionada por ter tido sucesso apenas com uma das três.

– Sua mãe está fazendo um longo jogo – diz Nigellus, balançando a cabeça. – Ela esperou dezessete anos. Pode esperar um pouco mais.

Beatriz engole em seco.

– Por que está me contando isso? Para me insultar? Estou trancafiada neste lugar desgraçado. Já não é o suficiente?

Nigellus pesa com cuidado suas próximas palavras.

– Sabe como ainda estou vivo até hoje, Beatriz? – pergunta ele, mas não

lhe dá chance de responder. – Não subestimo ninguém. Não é com você que vou começar.

Beatriz dá uma risada.

– Posso não estar morta, mas garanto que minha mãe me destruiu completamente.

Mesmo enquanto pronuncia essas palavras, Beatriz não acredita nelas. Prometeu a Pasquale que descobririam uma saída para aquela situação, e sabe que essa é a verdade. Mas é muito melhor que Nigellus – e por extensão a imperatriz – acredite que ela esteja irremediavelmente destruída.

Nigellus a surpreende ao balançar a cabeça, um sorriso irônico curvando seus lábios.

– Você não está destruída, Beatriz. Acho que nós dois sabemos disso. Está esperando para atacar, escolhendo seu momento. – Beatriz franze a boca, mas não nega. Ele prossegue: – Eu gostaria de ajudá-la.

Beatriz o observa por um momento. Não confia nele, nunca gostou dele, e há uma parte dela que ainda se sente como uma criança em sua presença, pequena e amedrontada. Mas se encontra presa em um buraco fundo e ele está lhe oferecendo uma corda. Não há nada a perder ao agarrá-la.

– Por quê? – pergunta ela.

Nigellus se inclina sobre a mesa, apoiando-se nos cotovelos.

– Nós temos os mesmos olhos, você sabe – diz ele. – Tenho certeza de que você ouviu os boatos em Bessemia, de que você e suas irmãs foram geradas por mim.

Se isso era um boato, nunca havia chegado aos ouvidos de Beatriz. Mas ele está certo – seus olhos são iguais aos dela, aos de Daphne, aos de Sophronia: prata pura e destilada. Tocados pelas estrelas, os olhos daqueles cujos pais recorreram à poeira estelar para concebê-los ou, em casos muito mais raros, quando um empyrea fez um pedido a uma estrela, derrubando-a do céu. Quando Beatriz foi enviada para Cellaria, a mãe lhe deu um colírio para esconder a cor de seus olhos, uma cor que a identificaria como herege em um país que considerava a magia das estrelas um sacrilégio. Ao ser enviada para a Sororia, não teve autorização para trazer nenhum pertence consigo, nem mesmo o colírio, então seus olhos voltaram à cor prata, mas ela supõe que, depois de usar a magia para tirar um homem da prisão, olhos tocados pelas estrelas são o menor de seus problemas.

Como se lesse sua mente, Nigellus assente.

– Fomos tocados pelas estrelas, você e eu. Sua mãe fez um pedido para conceber você e suas irmãs e eu derrubei estrelas para realizar o desejo dela. Presumo que minha própria mãe usou poeira estelar para me conceber, embora ela tenha morrido antes que eu pudesse lhe perguntar.

Sua mãe fez um pedido para conceber você. Beatriz tinha ouvido esse boato. Embora fazer pedidos utilizando poeira estelar fosse relativamente comum, quando realizados por empyreas criavam uma magia forte o suficiente para provocar milagres. Milagres como o que permitiu sua mãe engravidar de trigêmeas quando o pai, já na casa dos 70 anos, sabidamente nunca tivera um filho, legítimo ou não, mesmo com a ajuda de grandes quantidades de poeira estelar. Os pedidos de um empyrea às estrelas são raros, porque as estrelas são um recurso finito, mas Beatriz não se surpreende por sua mãe ter cruzado essa linha. Na verdade, é uma das menores transgressões que ela cometeu.

– E quem é tocado pelas estrelas – continua Nigellus, observando-a de perto – às vezes recebe um dom.

Beatriz mantém o rosto impassível, os pensamentos selados. Duas vezes ela já expressou um desejo às estrelas e nas duas vezes os desejos se tornaram realidade, deixando poeira estelar em seu rastro. Uma em cada dez mil pessoas é capaz de derrubar as estrelas com magia – Beatriz nunca pensou que seria uma delas, só que agora tem certeza de que é. Mas os dois estão em Cellaria, onde a feitiçaria é um crime passível de ser punido com a execução, e Nigellus já admitiu que a mãe a quer morta. Beatriz não está disposta a lhe entregar um punhal que pode ser usado contra ela.

– Se toda criança de olhos cor de prata fosse um empyrea, o mundo seria um lugar insano – argumenta Beatriz depois de um momento.

– Nem toda criança de olhos cor de prata recebe um dom – rebate ele, balançando a cabeça. – Na maior parte das vezes, o talento permanece adormecido, nunca é despertado, como é o caso das suas irmãs. Mas em você ele não está adormecido.

Quando a expressão de Beatriz não muda, ele ergue as sobrancelhas.

– Você já sabe quantas vezes fez isso? – diz ele, recostando-se na cadeira e avaliando-a.

– Duas – admite ela. – Ambas acidentalmente.

– É assim que começa – afirma ele. – A magia vem em rompantes, muitas vezes provocada por surtos extremos de emoção.

Beatriz pensa na primeira vez que apelou às estrelas, quando estava tão dominada pela saudade de casa que pensou que isso poderia destruí-la. E na segunda vez, quando o que mais queria no mundo era que Nicolo a beijasse. Por mais doloroso que seja admitir isso agora, à luz da traição dele, ela sabe que estava dominada pela emoção naquele momento. Como foi tola.

– Não importa quais talentos eu tenha ou não – diz ela, pondo-se de pé.
– Eles suspeitam do que posso fazer, por isso sou mantida em um cubículo sem janelas a noite toda. A menos que você saiba como me tirar deste lugar...

– Eu sei – interrompe ele, inclinando a cabeça em sua direção. – Se concordar com minha oferta, você e eu sairemos daqui amanhã à noite. Você pode estar de volta a Bessemia em poucos dias.

Beatriz inclina a cabeça, observando-o, pensativa, enquanto avalia a oferta. Não é que seja ruim, mas ela suspeita que pode pressioná-lo ainda mais.

– Não.

Nigellus bufa.

– Você nem sabe o que eu quero – diz ele.

– Não importa. Não quero você e eu saindo daqui sozinhos. Se vai me tirar, precisa incluir Pasquale também.

Beatriz não sabe se já viu Nigellus surpreso, mas neste momento ele *está* surpreso.

– O príncipe cellariano? – questiona ele, franzindo a testa.

– Meu marido – corrige ela.

Embora o casamento nunca tenha sido consumado, e nunca vá ser, eles trocaram votos, tanto durante quanto depois da cerimônia. E são votos que Beatriz pretende cumprir.

– Ele está sendo mantido preso na Fraternia do outro lado do rio Azina, assim como eu estou aqui, sob uma acusação fraudulenta de traição – acrescenta ela.

Nigellus lhe dirige um olhar sábio.

– Pelo que ouvi, as acusações tinham mérito.

Beatriz cerra o maxilar, mas não nega. Eles haviam planejado derrubar o pai de Pasquale, o rei louco, isso era verdade. Traição pode até ser considerada uma descrição comedida – eles também haviam tido participação na fuga de outro traidor, e Beatriz era culpada de violar as leis religiosas de Cellaria com o uso de magia.

– Ainda assim. Se você conseguir tirar nós dois, então talvez a gente possa conversar sobre seus termos.

Nigellus faz uma breve pausa antes de assentir.

– Muito bem. Vou levar você e seu príncipe para um local seguro, fora de Cellaria.

Ela encara Nigellus, tentando avaliá-lo, mas é impossível. Não há como compreendê-lo, e ela seria uma tola se não esperasse que ele estivesse dois passos à sua frente, em um jogo cujas regras ela desconhece. Eles não estão do mesmo lado nem têm os mesmos objetivos.

Ela não deveria confiar nele. Mas não tem escolha.

– Fechado.

CONHEÇA OS LIVROS DA AUTORA

TRILOGIA PRINCESA DAS CINZAS

Princesa das Cinzas

Dama da Névoa

Rainha das Chamas

TRILOGIA CASTELOS EM SEUS OSSOS

Castelos em seus ossos

Estrelas em suas veias

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

